

GEOGRAFIA E VEGANISMO: UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO

Julia Paulino¹

Universidade de Brasília (UnB)
Brasília, DF, Brasil



Juscelino Eudâmidas Bezerra²

Universidade de Brasília (UnB)
Brasília, DF, Brasil



Pedro Henrique Rodrigues de Sousa³

Universidade de Brasília (UnB)
Brasília, DF, Brasil



Enviado em 20 abr. 2022 | Aceito em 4 dez. 2023

Resumo: A preocupação da sociedade acerca dos direitos dos animais, a interação entre saúde e meio ambiente, assim como o bem-estar pessoal estão entre os principais motivos que explicam o crescimento do veganismo como prática alimentar contemporânea. Apesar de estar presente nos espaços construídos pelos movimentos sociais, essa temática ainda é pouco explorada no meio científico, especialmente no campo da Geografia. O presente trabalho tem como objetivo analisar como o veganismo vem sendo estudado pela Geografia, além de identificar as principais teorias utilizadas e temáticas tangenciadas. Como metodologia, adotou-se a análise bibliométrica para averiguar objetivamente a contribuição do conhecimento científico acerca do tema. Foram pesquisados artigos científicos em três bases de dados, a partir da busca das palavras-chave "veganismo e geografia". Após filtrações, foram selecionados 14 artigos, cujas características foram tabeladas e analisadas. Dentro da Geografia, as áreas mais centrais nas investigações sobre o veganismo foram: Geografia Humana, Geografia da Alimentação e Geografia Econômica. Devido à importância do tema para questões ambientais e de sustentabilidade, reforça-se a necessidade de se desenvolver mais estudos sobre o veganismo, na busca por respostas eficazes às demandas cada vez mais urgentes do antropoceno.

Palavras-chave: veganismo, geografia, bibliometria, alimentação, praxis

GEOGRAPHY AND VEGANISM: A BIBLIOMETRIC STUDY

Abstract: Society's concern about animal rights, the interaction between health and the environment, as well as personal well-being are among the main reasons that explain the growth of veganism as a contemporary food practice. Despite being present in social movements, this theme is still less explored by science, especially Geography. This paper aims to analyze how veganism has been studied by Geography, besides identifying the main theories used and tangent themes. As a methodology, bibliometric analysis was carried out to objectively verify the contribution of scientific knowledge on the subject. We searched scientific papers in three databases, applying the keywords "veganism and geography". After filtering, 14 articles were selected, whose attributes were tabulated and analyzed. Within geography, the most central areas in veganism investigations are Human Geography, Food Geography, and Economic Geography. Due to the importance of the theme for environmental and sustainability issues, we reinforce the need to develop more studies on veganism to find more effective responses to the increasingly urgent demands of the Anthropocene.

Keywords: veganism, geography, bibliometrics, nourishment, praxis.

GEOGRAFÍA Y VEGANISMO: UM ESTUDIO BIBLIOMÉTRICO

Resumen: La preocupación de la sociedad por los derechos de los animales, la interacción entre salud y medio ambiente, así como el bienestar personal se encuentran entre las principales razones que explican el crecimiento del veganismo como práctica dietética contemporánea. A pesar de estar presente en los espacios construidos por los movimientos sociales, este tema aún es poco explorado en el mundo científico, especialmente en el campo de la Geografía. El presente trabajo tiene como objetivo analizar cómo el veganismo ha sido estudiado por la Geografía, además de identificar las principales teorías utilizadas y temas relacionados. Como metodología se adoptó el análisis bibliométrico para investigar objetivamente el aporte del conocimiento científico sobre el tema. Se buscaron artículos científicos en tres bases de datos, utilizando las palabras clave "veganismo y geografía". Luego del filtrado se seleccionaron 14 artículos, cuyas características fueron tabuladas y analizadas. Dentro de la Geografía, las áreas más centrales en las investigaciones sobre el veganismo fueron: Geografía Humana, Geografía de los Alimentos y Geografía Económica. Debido a la importancia del tema para las cuestiones ambientales y de sostenibilidad, se refuerza la necesidad de desarrollar más estudios sobre el veganismo, en la búsqueda de respuestas efectivas a las demandas cada vez más urgentes del antropoceno.

Palabras-clave: veganismo, geografia, bibliometria, alimentación, praxis

1. Mestranda na Universidade de Brasília – UnB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3779-855X>. E-mail: juliapaulino016@gmail.com
2. Professor adjunto da Universidade de Brasília – UnB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2187-2890>. E-mail: jebgeo@unb.br
3. Doutor em Administração pela Universidade de Brasília – UnB. Professor e Coordenador do Mestrado Profissional em Administração do Centro Universitário Alves Faria. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7208-6419>. E-mail: phsousa.phd@gmail.com

Introdução

Os estudos sobre a alimentação vêm recebendo grande destaque no mundo acadêmico, principalmente ao abordar a relação entre consumo de alimentos e sustentabilidade, crise climática, ativismo social e atributos culturais, com destaque para o debate sobre a constituição de múltiplas identidades. Uma das origens de nossa sensibilidade ligada aos alimentos encontra-se ainda na década de 1960, quando surgiram diversos movimentos sociais, como o ecológico, que começava a trazer ao debate as questões ambientais, criticando a estrutura totalizante que afasta o ser humano da natureza (PORTO-GONÇALVES, 2011).

A crítica ao modo como a sociedade interage com a natureza, particularmente em relação aos animais, foi base para movimentos como o vegetarianismo e o veganismo. Cunhado por Donald Watson, um dos fundadores da *Vegan Society*, o termo “veganismo” já vinha sendo utilizado desde 1944 em diferenciação ao vegetarianismo, tendo em vista que, além de tópicos dietéticos, o veganismo abrange também questões éticas e políticas (THE VEGAN SOCIETY, 2019).

O padrão alimentar com elevado consumo de carnes e derivados animais é visto como insustentável para a grande maioria da população mundial, uma vez que tal modelo promove grande desgaste de recursos naturais, como água e solos agricultáveis, aumentando também a emissão de gases do efeito estufa (CARLOTA, 2020). A manutenção desse padrão de consumo ainda demanda altos níveis de investimentos individuais, tornando-se inacessível para a população mais pobre, especialmente em países produtores de *commodities*, enquadrados na periferia do sistema capitalista.

O aumento considerável do número de adeptos ao veganismo nos últimos anos tem estimulado o desenvolvimento de estudos acadêmicos com análises interdisciplinares sobre o tema. Vários autores defendem que o veganismo é um movimento social cujo alcance pode ser verificado em muitos países (CHERRY, 2006; VALENÇA; CARBONAI, 2014; PEREIRA, 2019). Entre as suas principais motivações, encontram-se as discussões ideológicas, éticas, estéticas e ecológicas. Além disso, o veganismo se estrutura a partir de ações políticas diretas, organização de protestos, criação de novos produtos e espaços comerciais, campanhas publicitárias, influência nas pautas políticas etc.

Uma vez que a Geografia se volta ao estudo das relações entre sociedade e natureza e a produção do espaço geográfico, o tema do veganismo, com toda sua complexidade, também pode ser abordado por essa disciplina. Assim, o presente artigo visa analisar como o veganismo vem sendo estudado pela Geografia, além de identificar as principais teorias utilizadas e temáticas tangenciadas. Para isso, adotamos a revisão bibliométrica como forma a mensurar a contribuição do conhecimento científico acerca da temática em questão. Estudos que consideram os indicadores acadêmicos podem contribuir para a inserção de pautas na agenda de formulação de políticas públicas sobre o veganismo, além de aprofundar o conhecimento pela comunidade acadêmica e a divulgação científica (ALBAGLI, 1996), visando alcançar um público mais amplo.

Além desta introdução, o presente artigo é composto por uma seção teórica, na qual são definidos os principais conceitos relacionados ao tema, e uma seção metodológica, que descreve os procedimentos e critérios adotados na revisão bibliométrica. Em seguida, os resultados encontrados são expostos e discutidos e, por fim, são tecidas breves considerações finais sobre os achados deste estudo.

Revisão teórica

O domínio de técnicas, a domesticação de espécies e a sedentarização – fatores que contribuíram para a fixação dos seres humanos nos territórios – sustentaram a concepção de que a natureza era um objeto a ser dominado, por carregar em si o elemento da inconstância, que ameaçava a sobrevivência da espécie humana. Fundamentado em matrizes filosóficas da Grécia Antiga, tal pensamento institucionalizou no Ocidente a visão do homem como ser separado da natureza, antepondo-se a diversas outras formas de pensar e existir (OLIVEIRA, 2002). Entretanto, no que compete à Geografia, o dualismo conceitual que separa o ser humano da natureza vem sendo veementemente questionado (RECLUS, 1866/2010; MORIN, 1973; MOREIRA, 1985; PORTO-GONÇALVES, 2011), visto a importância dessa interação para a elaboração dos principais conceitos e categorias analíticas dessa ciência.

Morin (1973, p. 4) faz uma crítica ao “antropologismo que define o homem como oposto de animal; a cultura como oposto de natureza; o reino humano, síntese de ordem e de liberdade, opõe-se tanto às desordens naturais (lei da selva, pulsões não controladas)”, apontando a necessidade da compreensão da totalidade biopsicossociológica que forma o ser humano, como modo de contrapor o maniqueísmo cultura-natureza. Esse é um questionamento fundamental, uma vez que nenhuma crítica ou proposição concisa pode ser fundamentada quando avaliamos a realidade concreta de maneira não totalizada.

Sendo uma prática social e fisiológica indispensável para a manutenção da vida humana e por ter a capacidade de tangenciar tantas abordagens epistemológicas, o estudo dos hábitos alimentares vem ganhando projeção nas publicações acadêmicas, além de assumir centralidade em debates históricos. Engels (1883/1979) afirmava que o consumo de carne contribuiu para a transformação de seres biológica, cultural e tecnicamente menos aprimorados em seres humanos, mas também favoreceu a tomada de consciência sobre si, afastando-os do reino vegetal e dos demais animais.

Já Élie Reclus, importante geógrafo anarquista e vegetariano, que teceu severas críticas ao maniqueísmo homem-natureza e geografia física-humana, criticava a relação do homem moderno com os animais, visto que a domesticação consubstancialmente se referia à escravidão em detrimento da associação. Para Reclus, o ideal seria que o homem moderno mantivesse em si “a força do selvagem” e a harmonia com a terra e com tudo que a habita (RECLUS, 1897/2010).

Há indícios de que dietas que excluam produtos de origem animal sejam praticadas há muito tempo; entretanto suas principais justificativas eram associadas a valores morais e metafísicos. Durante o século XX, com o aumento das pesquisas científicas no campo da Nutrição, os argumentos fisiológicos de superioridade desse tipo de dieta ganharam força. Atualmente, a temática do veganismo frequentemente surge representada por questões relacionadas às práticas alimentares, embora o tema ainda abranja a ideia de respeito aos animais e à natureza, sendo caracterizado como um posicionamento político de oposição a normas institucionalmente reconhecidas pela sociedade (CASTELLS, 1999).

Criada em 1944 na Inglaterra, a partir de uma ruptura prática e conceitual com o vegetarianismo, a *Vegan Society* define o veganismo como:

uma filosofia e um modo de vida que procura excluir – na medida do possível e praticável – todas as formas de exploração e crueldade com animais para alimentação, vestuário ou qualquer outro propósito; e, por extensão, promove o desenvolvimento e uso de alternativas livres de animais em benefício dos animais, humanos e meio ambiente (THE VEGAN SOCIETY, 2021, *on-line*, tradução nossa).

Assim, o veganismo visa eliminar ao máximo as práticas que envolvam a exploração animal, seja na alimentação, no vestuário, serviços e em todos os aspectos da vida, repensando e criticando

o especismo presente na sociedade. Apesar de a definição em destaque ser uma das mais aceitas, ainda assim há críticas, uma vez que atualmente são reconhecidos vários tipos de veganismo (WREN, 2019), que representam e reconhecem diferentes metodologias analíticas da realidade e conceitos norteadores para as práticas sociais.

Fatores como os impactos globais sobre o uso de terras – desmatamento, poluição de águas, solos e ar, emissão de gases do efeito estufa, devastação de habitats, que envolvem a insustentabilidade de alimentar toda a população mundial com uma dieta rica em produtos e origem animal, além da fome e seus impactos sociais – também são considerados e discutidos nos movimentos sociais que têm o veganismo como referência. Apesar de a maioria dos esforços para garantir a segurança alimentar serem voltados ao setor produtivo, principalmente no sentido de possibilitar melhorias no rendimento das culturas, o veganismo surge como uma proposta alocada no setor do consumo, deontologicamente pautada como política pública (VIANNA, 2020), tal qual um posicionamento político de comprometimento com a abolição da exploração animal.

Sendo um ente multidimensional, constituído pelos elementos da natureza e pelas dimensões sociais produzidas pelo ser humano, o espaço é constantemente objeto de disputas simbólicas ou concretas (SANTOS, 1996). A Geografia visa compreender o espaço em sua totalidade, como todo o tipo de relação social produz espaço, lugar e território, nas mais variadas escalas (FERNANDES, 2012). O veganismo, entendido como um movimento social, também é objeto de investigação da Geografia, devido à sua potencialidade de transformar as relações sociais e gerar diferentes formas de produzir espaço. Os estudos também são relevantes para delimitar uma estratificação dos veganismos, que promovem diferentes tipos de ação política.

A expansão das pesquisas científicas que evidenciam os efeitos positivos para a saúde humana do não consumo de carne (WILSON; WEATHERALL; BUTLER, 2004) e outros derivados de animais, a expansão do acesso à internet, a ascensão de grupos de ciberativismo (ARTICO, 2014) social e ambientalista e a criação da Sociedade Vegetariana Brasileira em 2003 formam um contexto no qual se tornam cada vez mais necessários estudos no âmbito da ciência geográfica, visando avaliar os impactos causados pelas demandas e ações apresentadas pelo veganismo e seus representantes.

Metodologia

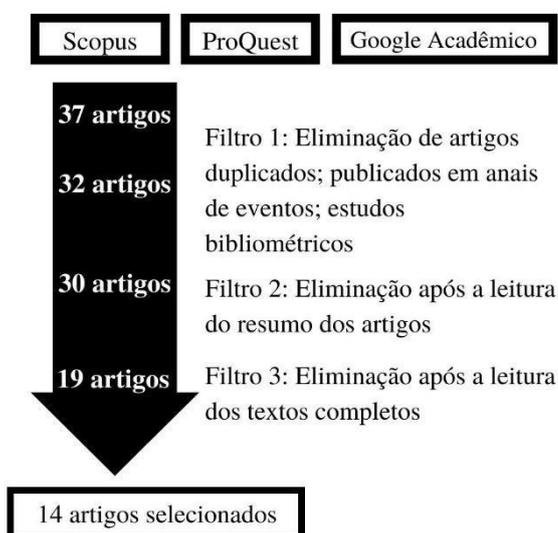
Para identificar padrões e o desenvolvimento das investigações acadêmicas a partir do uso de indicadores de produção científica (OKUBO, 1997), a bibliometria foi a metodologia utilizada no presente artigo. Apesar de abdicar de juízos de valor, a bibliometria mostra-se uma importante ferramenta, especialmente quando aborda temáticas ainda pouco exploradas, pois contribui para mapear as lacunas e potencialidades para as investigações futuras na área pretendida.

Nesta pesquisa, foram utilizadas as bases SciVerse Scopus; Proquest, por retornarem artigos de melhores classificações e Google Acadêmico, por apresentar maior quantitativo de publicações sobre o tema (sendo, no entanto, realizados os devidos filtros para adequada seleção). Há de se destacar que houve dificuldade no acesso a algumas bases, que demandavam cadastros institucionais ou pagamento de taxas, revelando a importância do fomento à pesquisas. O recorte temporal foi definido considerando-se o crescimento quantitativo do veganismo no Brasil e no mundo nos últimos dez anos (IBOPE INTELIGÊNCIA, 2018; MAGALHÃES; OLIVEIRA 2019). Nas três bases, foram analisados os resultados provenientes da busca das palavras-chave “veganismo OR vegan AND geografia OR geography”, que necessariamente constavam no resumo ou título das publicações. Esse filtro gerou um total de 37 publicações e as informações obtidas foram inseridas em uma planilha do Excel, o que viabilizou a primeira etapa de exclusões, baseada em critérios como

duplicações nas bases, publicação em anais de eventos ou outros meios de comunicação e estudos bibliométricos.

Em seguida, procedeu-se com a leitura dos resumos, o que possibilitou a exclusão de muitos artigos, especialmente porque o termo “*vegan*” também corresponde a um pacote de ferramentas analíticas da linguagem de programação R, utilizado em estudos estatísticos e que podem aparecer no resumo dos textos. Após a leitura completa dos artigos restantes, foram selecionados aqueles que utilizam o método analítico e o referencial teórico da Geografia e outras ciências sociais aplicadas. Informações como ano, revista de publicação, nacionalidade dos autores, principais teorias e temáticas abordadas foram planilhadas para posterior utilização na etapa de composição de redes, subsidiada pelo software UCINET. A Figura 1 ilustra os critérios utilizados para a seleção dos artigos.

Figura 1 - Filtros aplicados na seleção dos artigos



Fonte: Elaborado pelos autores.

O software UCINET foi utilizado para a geração de padrões quantitativos e visuais dos relacionamentos entre as diferentes abordagens teóricas, áreas do conhecimento e temáticas abordadas nos artigos analisados, tendo mensuradas suas relações diretas e posição central de cada componente, através da medida *n-degree*, que expressa o grau de relações existentes entre as diferentes abordagens teóricas e temáticas, possibilitando mensurar a relevância de um nó dentro da rede. Logo, quanto maior o *n-degree*, mais central será a abordagem teórica (Equação 1):

Equação 1 - medida de centralidade expressa em grau

$$C_G(i) = \frac{\sum_{j=1}^n a_{ij}}{n-1}$$

Fonte: Chelmiss e Prasanna (2011).

Na Equação 1, “*a_{ij}*” indica a presença (*a_{ij}* = 1) ou ausência (*a_{ij}* = 0) de ligação entre os nós “*i*” e “*j*”, enquanto “*n*” representa o número de nós dentro da rede. Essa métrica é usada para identificar os nós com maior número de ligações na rede (CHELMIS; PRASANNA, 2011). Tal procedimento permitiu evidenciar as relações entre distintas abordagens teóricas empregadas no tema do veganismo, assim

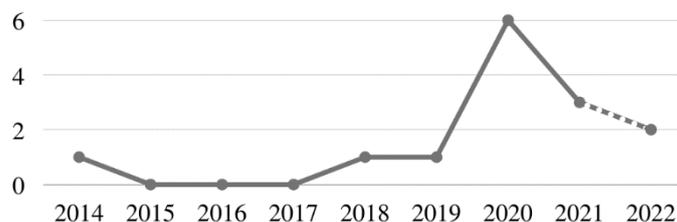
como identificar os nós com mais ligações, possibilitando identificar quais temas são mais tratados e quais são as lacunas e potencialidades para pesquisas futuras.

Resultados

Número de publicações

O número de publicações sobre veganismo foi baixo ao longo do recorte temporal aplicado, com um pico mais expressivo em 2020 (Figura 2).

Figura 2 - Evolução temporal do número de publicações científicas sobre veganismo no campo da Geografia



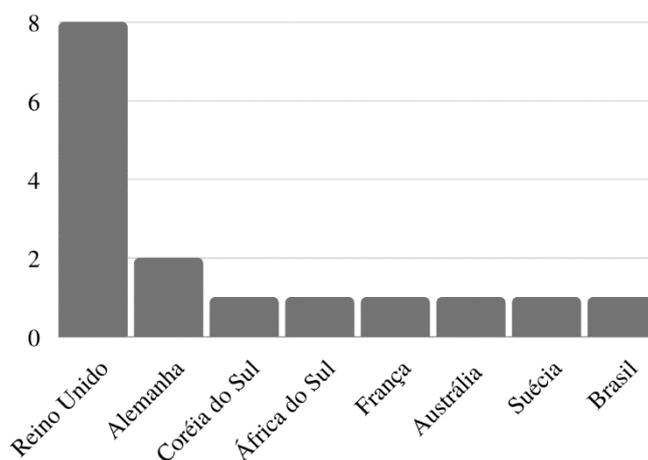
Fonte: Elaborado pelos autores.

Segundo o jornal *The Economist*, em 2019, o número de veganos aumentaria significativamente no mundo, o que fez com que fossem intensificados os investimentos em negócios visando “veganizar” empresas e produtos, além de toda a publicidade evidenciando modelos culturais que apregoam o veganismo como estilo de vida (SEXTON; GARNETT; LORIMER, 2022). Tais acontecimentos podem influenciar quantitativamente o interesse por pesquisas relacionadas ao tema, tangenciando as motivações para essas mudanças e oferecendo arsenal técnico e teórico para fazê-las.

Número de publicações por nacionalidade dos autores

A Figura 3 representa graficamente o número de artigos publicados por autores de diferentes países.

Figura 3 - Países de origem dos autores



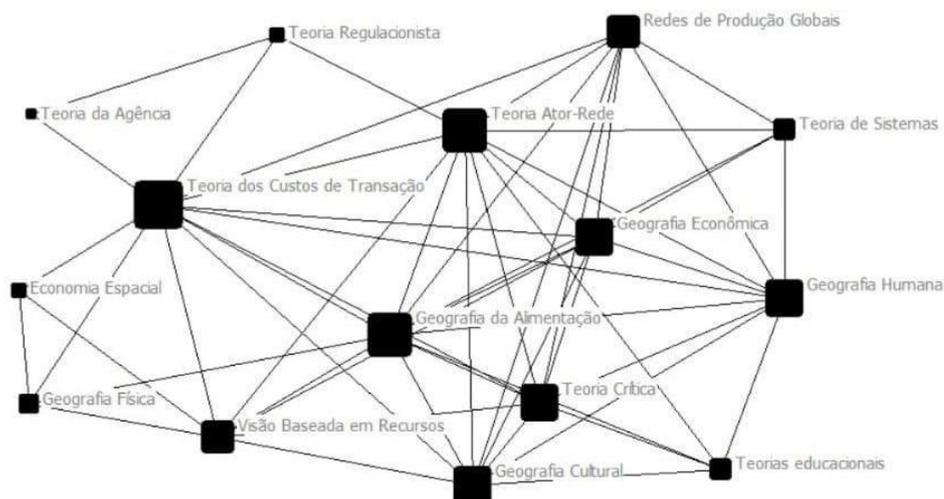
Fonte: Elaborado pelos autores.

O Reino Unido foi o país com maior contribuição de autores, com 57,14% das publicações analisadas. No país, há aproximadamente 600.000 pessoas identificadas como veganas e, ao longo de 2019, outras 250.000 se comprometeram a se tornar veganas (SEXTON; GARNETT; LORIMER, 2022). Outra característica importante que influencia no alto número de publicações relacionadas ao veganismo no país é a existência do grupo de pesquisa *Livestock, Environment and People*, na Universidade de Oxford. O grupo conta com a colaboração de vários pesquisadores pós-doutores, reunindo diversas redes alternativas de pesquisa para desenvolver uma nova estrutura nas ciências sociais que permita transições alimentares justas. Os pesquisadores analisam o contexto da economia social e política que impactam nas decisões do sistema alimentar, especialmente sobre carne e laticínios, avaliando criticamente o aumento da alimentação baseada em vegetais nos países europeus e norte-americanos (THE PROJECT THEMES, 2021).

Abordagens teóricas

A Figura 4 expõe as redes formadas pelas abordagens teóricas referenciadas nas publicações analisadas no presente estudo, expressas também através da Tabela 1, que apresenta a medida do *n-degree* dos dados.

Figura 4 - Rede de interações entre as abordagens teóricas utilizadas nas publicações sobre veganismo no campo da Geografia



Fonte: Elaborado pelos autores.

Tabela 1 - Abordagens teóricas utilizadas pelas publicações sobre veganismo no campo da Geografia, com seus respectivos *n-degrees*

Abordagem teórica	<i>n-degree</i>
Geografia Humana	1,733
Geografia da Alimentação	1,667
Geografia Cultural	1,467
Geografia Econômica	1,333
Teoria Ator-Rede	1,333
Teoria Crítica	1,133
Teoria dos Custos de Transação	1,067
Redes de Produção Globais	0,933
Visão Baseada em Recursos	0,667
Teorias educacionais	0,467
Teoria de Sistemas	0,333
Geografia Física	0,267
Economia Espacial	0,201
Teoria Regulacionista	0,200
Teoria da Agência	0,133

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os resultados apontam para uma maior centralidade do arcabouço teórico da Geografia Humana para o estudo do tema do veganismo (*n-degree* = 1,733, Tabela 1). Segundo Sorre (1967/2003), a Geografia Humana refere-se à descrição científica das paisagens humanas pelo globo e, como os elementos da paisagem também são objetos de outras ciências, há a possibilidade da interdisciplinaridade nas investigações. A necessidade de não separar os traços de ordem humana do contexto físico e vivo permitem que a Geografia Humana explique o veganismo como fenômeno cultural, sem que sejam desconsiderados os impactos nos ecossistemas e, apesar de algumas análises utilizarem argumentos provenientes de ciências ambientais, a Geografia Física ainda estuda sistematicamente tal temática.

A Geografia da Alimentação estuda como os hábitos alimentares – que não se limitam aos aspectos materiais – são historicamente construídos e geograficamente localizados e difundidos no espaço. Tangenciado pela Geografia Cultural, esse campo da ciência também contribui para o entendimento da formação sociocultural dos povos. Associadas, essas abordagens são muito empregadas em pesquisas sobre o veganismo, visto que as práticas alimentares são uma das principais manifestações concretas do veganismo (LINDGREN, 2020), bem como as práticas culturais hegemônicas (OLIVER, 2021), especialmente no mundo ocidental.

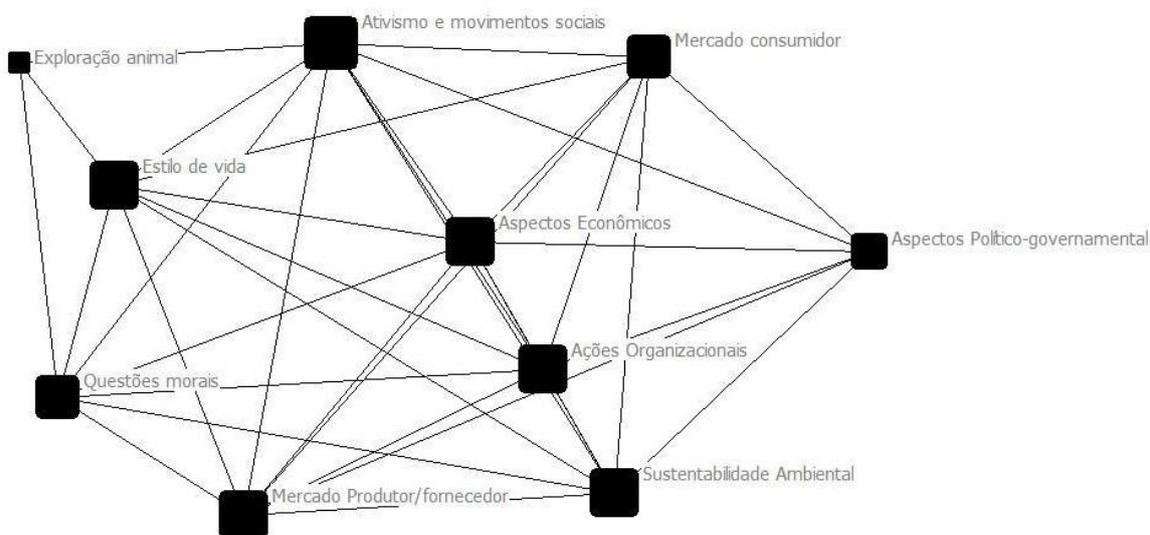
A crescente demanda por produtos livres da associação à crueldade animal e a busca por soluções de problemas ambientais têm aumentado o fluxo de investimentos em pesquisas que visam desenvolver novos produtos (MOUAT; PRINCE; ROCHE, 2018) e melhorar a produtividade agroalimentar, assim como campanhas publicitárias direcionadas aos consumidores. Ressalta-se que o mercado vegano é interligado ao processo de produção de alimentos e outros bens de consumo e serviços, incorporando diferentes setores da economia. Tal fato demonstra como questões éticas podem ocupar papel de centralidade na forma como o valor é determinado historicamente na economia mercantil.

Com forte influência do Construtivismo, a Teoria Ator-Rede defende que o social é constituído por redes tecidas pelas relações entre atores, conceito que, ultrapassando a visão ortodoxa do termo,

se aplica a seres humanos, não humanos, instituições, entre outros atores, definidos a partir do papel que desempenham, agindo mutuamente, interferindo e influenciando nos comportamentos uns dos outros. Embora a maior parte dos estudos que flexibilizam o conceito de ator venham sendo elaborados especialmente pela Geografia Animal, a Teoria Ator-Rede permite que sejam analisadas as mudanças comportamentais das pessoas em função das mudanças institucionais (LINDGREN, 2020; GARNETT et al., 2021), permitindo questionar também a relação entre ser humano e natureza.

A Figura 5 ilustra a rede de conexões entre a ênfase aplicada nas investigações analisadas, enquanto a Tabela 2 traz a medida do *n-degree* obtidos.

Figura 5 – Rede de interações entre as ênfases de investigações nas publicações sobre veganismo no campo da Geografia



Fonte: Elaborado pelos autores.

Tabela 2 - Ênfase das investigações utilizadas pelas publicações sobre veganismo no campo da Geografia, com seus respectivos *n-degree*s

Temática	<i>n-degree</i>
Sustentabilidade Ambiental	2,182
Mercado Produtor/Fornecedor	1,909
Aspectos Econômicos	1,818
Mercado Consumidor	1,818
Ações Organizacionais	1,455
Estilo de vida	1,364
Ativismo e movimentos sociais	1,182
Questões morais	1,000
Aspectos Político-governamentais	0,636
Exploração animal	0,273

Fonte: Elaborado pelos autores.

Observa-se que a área temática mais central nos estudos geográficos acerca do veganismo envolve a sustentabilidade ambiental (*n-degree* = 2,182, Tabela 1). Isso pode ser explicado devido ao fato de a Geografia ser uma ciência de interface, com elevada capacidade de realizar uma leitura

crítica e integral da realidade. Para os geógrafos, é importante considerar todos os objetos, sem exceção, em uma extensão contínua (SANTOS, 1996). Dessa forma, a análise do meio físico e de como os seres humanos atuam para se apropriar desses espaços é fundamental para pensar a dimensão da sustentabilidade ambiental, que varia de acordo com o grau de desenvolvimento do meio técnico-científico-informacional, as práticas culturais, entre outros aspectos.

A Tabela 2 permite identificar que três das cinco ênfases mais centrais se relacionam a aspectos mercadológicos: Mercado Produtor/Fornecedor, Aspectos Econômicos e Mercado Consumidor, temáticas amplamente abordadas quando se trata de veganismo e Geografia. Isso decorre da integralidade do estudo da questão alimentar que, na Geografia, é abordada principalmente através do uso do conceito sistema alimentar ou agroalimentar, estruturado em função da formação social e econômica de cada território, portanto, evoluindo de forma heterogênea e desigual. Contudo, é importante salientar que há inúmeros relevantes estudos de geógrafos empregando a categoria 'segurança alimentar', logrando expressivo crescimento nos últimos anos. No Brasil, ressalta-se a contribuição de Josué de Castro, cujos estudos tratam da fome (CASTRO, 1980) em perspectiva. A abordagem dos sistemas alimentares permite que todos os processos relacionados à alimentação sejam abrangidos, desde o processo de produção (MEIER et al., 2014; MCGREGOR; HOUSTON, 2017) ou pré-produção, processamento, distribuição e consumo (MCGREGOR; HOUSTON, 2017; MOUAT; PRINCE; ROCHE, 2018; PARIS et al., 2021).

De modo complementar, as ações organizacionais e político-governamentais são analisadas a partir de seus vínculos com instituições como a escola, os institutos de pesquisa, e a formação de organizações que têm o veganismo como bandeira de ativismo social (OLIVER, 2021). As organizações e instituições políticas exercem incontestável papel na estruturação espacial do modo de produção vigente; mas, por entender o veganismo como um projeto de construção de mundo que se estende além do individual para o espaço social e cultural (OLIVER, 2021), que "incorpora o ator social em relações dinâmicas e processuais que mudam no espaço e no tempo" (CHERRY, 2006, p. 157), diversas organizações estão sendo criadas e pesquisas vêm sendo financiadas com o intuito de promover e difundir os valores apregoados pelo veganismo.

O veganismo e o vegetarianismo são algumas das práticas contra hegemônicas mais antigas em culturas alimentares centradas no consumo de carne, com conexões difundidas e bem fundamentadas com o movimento feminista (LESSA; GALINDO, 2017), sufragista (ADAMS, 2012), anarquista (VILELA, 2017), entre outros. Porém, durante anos, o veganismo concentrou-se em uma abordagem alicerçada na saúde humana e no meio ambiente, gerando críticas ao ser interpretado como um "veganismo de estilo de vida", elitizado e com teor étnico demarcado, que perdera sua intenção radical, cultivada pelos anarquistas e antigos militantes da causa. No entanto, a retomada de seu teor político, social e cultural (PENDERGRAST, 2016) e a tentativa de sua inserção na agenda epistemológica e empírica (OLIVER, 2021) têm sido crescentes nos recentes estudos sobre movimentos sociais e estilo de vida.

Na Geografia, os estudos atuais que abordam o veganismo criticam as relações desarmônicas entre animais humanos e não humanos, trazendo ao debate questões morais e reconfigurando as fronteiras cultural e filosoficamente criadas entre humanos e outros animais, com uma perspectiva que se opõe ao antropocentrismo e todo o tipo de exploração animal, fazendo uso do conceito de especismo (LEAL, 2014).

Discussão

Desde seu estabelecimento como disciplina científica, a Geografia tem o ambientalismo como uma de suas principais vertentes, visto que o espaço geográfico – categoria analítica essencial da

área –, construído a partir da relação histórica entre a sociedade e a natureza, é dinâmico e se encontra em constante transformação (SANTOS, 1996). Tal particularidade faz com que, ao menos nas investigações geográficas, os caracteres naturais sejam indissociáveis dos humanos. Logo, já era esperada maior centralidade em abordagens a partir da Geografia Humana, aliadas às abordagens ambientais, subsidiadas pelas Geografias Física e Ambiental.

Um resultado importante a ser ressaltado é a centralidade da ênfase em aspectos relacionados à sustentabilidade. Assim como a expressão “meio ambiente” teve que ser ressignificada ao longo do tempo, tornou-se um desafio para a humanidade encontrar novos rumos para a projeção do futuro. Desse modo, diversas pesquisas passaram a repensar a epistemologia e a deontologia da prática científica, que devem se adequar às demandas impostas pelos problemas sociais e ambientais que se correlacionam materializados no espaço, indicando possíveis mudanças individuais e direções a serem experimentadas institucionalmente.

A Geografia da Alimentação foi fortemente desenvolvida no contexto da expansão da geografia francesa possibilista, na qual Sorre (1943/2021) definiu o conceito de regimes alimentares. Segundo o autor, “os grupos humanos vivem em um estado de natureza e até em um nível mais alto de cultura, à margem das possibilidades com mais frequência do que pensamos” (SORRE, 1943/2021, p. 20) e o agravamento de problemas sociais e ambientais que enfrentamos atualmente trazem a emergência de se repensar os regimes alimentares. Isso permitiu que a Geografia Humana se inserisse nas análises sobre alimentação, passando a estudar os modos pelos quais o espaço poderia satisfazer as necessidades alimentares humanas. Os estudos biológicos e nutricionais se apropriaram fortemente das pesquisas de temática alimentar; no entanto, o estudo do regime alimentar (SORRE, 1943/2021) é uma das características mais tenazes entre as diversas razões que ligam o ser humano a determinado meio.

No Brasil, destaca-se a contribuição de Josué de Castro (1946/2002) que, embora não tenha abordado o veganismo em si, tratou da questão da fome, analisando as relações econômicas e políticas que cerceiam esse fenômeno e suas consequências. Além disso, o autor denunciou as desigualdades sociais globais, o paradoxo entre fartura/desperdício e escassez/fome nos países em desenvolvimento (apesar de serem grandes produtores) e como o processo de colonização e imperialismo de potências europeias e dos Estados Unidos (CASTRO, 1951) acentuaram problemas também apontados pelo veganismo, integrando questões relacionadas à economia, cultura e sustentabilidade, fazendo uso também do arsenal teórico de outras disciplinas científicas, como Nutrição, Epidemiologia, Antropologia, Ecologia e Direito.

Apesar de o veganismo não se resumir à dieta, esta é uma parte muito importante da *práxis* vegana, de modo que já era esperado que questões relacionadas à alimentação e hábitos culturais fossem amplamente exploradas. As análises ainda apontam que a intensificação das indústrias de carne e laticínios reforça o dualismo homem-natureza, além de apontar uma maior tendência à perpetuação das economias políticas existentes, em detrimento da necessidade de se fornecer respostas eficazes aos desafios do antropoceno (MCGREGOR; HOUSTON, 2017). Outrossim, deve-se ressaltar o interesse de grandes empresas em ampliar suas margens de renda através de mudanças discursivas, assim como promover a utilização de certificações como forma de assegurar a legitimidade entre os consumidores, conquistando novos nichos e mercados sobretudo no contexto do varejo de autosserviços onde cada vez mais ganham espaços nas prateleiras os produtos vegetarianos, veganos, fitness, entre outros (BEZERRA, 2020).

Práticas como o veganismo podem fomentar pesquisas tecno-científicas para possibilitar a inclusão de redes de produção agroalimentar, organizando-as de maneira potencialmente produtiva em termos econômicos, demonstrando que a questão ética pode alterar o valor dos produtos (MOUAT; PRINCE; ROCHE, 2018). Os temas abordados pela Geografia Econômica realçam o equilíbrio

e a indissociabilidade entre o estudo da formação socioespacial dos lugares, visto a imprescindibilidade de se analisar a produção em seus múltiplos aspectos e externalidades.

A tarefa de questionar o papel de dominador ecológico ocupado pelo ser humano precisa ser epistemológica e prática. Por isso, assumir uma posição de neutralidade ou tentar dissociar o veganismo de questões políticas torna-se impossível nas relações institucionais (LINDGREN, 2020). A atenção da academia e o crescente ativismo se voltaram ao veganismo especialmente em decorrência das pesquisas que revelam seus impactos ambientais, apesar de por muito tempo ter sido resumido a uma tendência de consumo majoritariamente branca, europeia e de classe alta. Um campo ainda pouco explorado refere-se a como a adoção do veganismo como *práxis* política (ou mesmo do chamado veganismo popular) é um processo interativo e contínuo de renegociação do espaço (OLIVER, 2021) por possuir demandas urgentes que suscitam mudanças estruturais na sociedade.

Ficou evidente a forte conexão entre o veganismo e o setor agroalimentar, que incorpora as cadeias produtivas em seu aspecto econômico, social, ambiental e cultural; e que a adoção de uma dieta sustentável e de consumo consciente favorece aos que se adequam a esse estilo de vida (PARIS et al., 2022). Apesar de ser um assunto que vem sendo discutido especialmente nos espaços construídos por movimentos sociais, ainda é difícil encontrar recursos didáticos adequados para a inserção do tema em meios institucionais como a escola, pois os livros didáticos são considerados uma alternativa pouco confiável, visto que, além de suas falhas técnica-metodológicas no contexto educacional, seu conteúdo teórico relacionado à agropecuária não é impecável (CHOUTEAU; DISENHAUS; BRUNSCHWIG, 2020), evidenciando a necessidade de correções e adoção de recursos didáticos adaptados aos ensinamentos fundamental e médio com referências renovadas, estimulando a construção do pensamento crítico entre os estudantes.

Considerações finais

Através de dados qualitativos e quantitativos, discutiu-se como a temática do veganismo vem sendo estudada pela ciência geográfica. Reforça-se a importância de se dar prosseguimento a estudos com ênfase em uma abordagem crítica que vise fornecer respostas às principais demandas da atualidade, como a sustentabilidade.

A análise bibliométrica possibilitou mensurar e melhor conhecer a literatura preexistente sobre o tema e as comparações entre os estudos e abordagens teóricas adotadas permitiram observar que aspectos são mais discutidos e quais lacunas precisam ser preenchidas por pesquisas futuras. As pesquisas da Geografia Econômica sobre o veganismo mostraram-se importantes, uma vez que podem ser apropriadas por diversos atores da sociedade, especialmente a partir da perspectiva dos sistemas alimentares.

Ressalta-se ainda que a abordagem geográfica é fundamental para a compreensão do caráter político do veganismo, ao enfatizar que a alimentação se estende além do corpo do indivíduo, para transformar o espaço social e material. Tal abordagem é importante para inserir o tema na agenda de formulação de políticas públicas que visam combater a fome, as desigualdades sociais, territoriais e que se mostram favoráveis à sustentabilidade, caracterizando-se como um campo de conhecimento muito amplo, interdisciplinar e com intenso potencial prático.

A bibliometria é um instrumento metodológico importante no sentido de minimizar a subjetividade inerente ao tratamento de temáticas que envolvam conflitos éticos ou disputas de narrativas. As análises vinculadas ao veganismo não se restringem ao tratamento de documentos, pois, desde sua gênese, este visa contribuir não somente com o levantamento e mapeamento de

informações, mas orientar a prática de vida orientada por uma ética de não agressão, voltada para o combate de injustiças sociais e ambientais.

Dentre as limitações encontradas ao longo desta pesquisa, vale mencionar a dificuldade de acesso a algumas bases, que exigiam cadastros institucionais ou pagamento de taxas. Assim, reforça-se a necessidade de investimentos em pesquisas para que estas possam ser publicadas e melhor difundidas no ambiente acadêmico.

Embora os objetivos deste trabalho tenham sido cumpridos, ainda são necessárias pesquisas complementares mais aprofundadas, abrangendo um maior recorte temporal, que permita identificar possíveis variações das temáticas relacionadas ao veganismo na Geografia. Por se tratar de uma questão complexa e de múltiplas vertentes, também são necessários estudos com abordagens epistemológicas distintas de modo a suprir as lacunas sobre o tema, na busca de respostas eficazes aos atuais desafios do antropoceno.

Referências

- ADAMS, C. J. (2012) *A política sexual da carne: a relação entre carnivorismo e a dominância masculina*. Tradução de Cristina Cupertino. São Paulo: Alaúde. 350 p.
- ALBAGLI, S. (1996) Divulgação científica: Informação científica para cidadania. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 25, n. 3, p. 396-404.
- ARTICO, A. M. (2014) Comunicação e ciberativismo nos movimentos veg-abolicionistas. *Revista Eletrônica CoMtempo*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 1-11.
- BEZERRA, J. E. (2020) Geografia, comércio e consumo: os supermercados como tema geográfico. *Revista Espaço e Geografia (UnB)*, Brasília, v. 23, p. 143-161.
- CARLOTA, A. M. (2020) Veganismo y soberanía alimentaria: una alternativa al sistema de consumo y producción actual de carne. *GeoGraphos*, Alicante, v. 11, n. 123 p. 26-54.
- CASTELLS, M. (1999) O verdejar do ser: o movimento ambientalista. In:_____. *O poder da identidade*. Tradução de Klauss Brandini Gerhard. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra.
- CASTRO, J. (1980) *Geografia da fome (o dilema brasileiro: pão ou aço)*. 10a Ed. Rio de Janeiro: Antares Achiamé.
- _____. (2002) *Geopolítica da fome*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 330 p. (Original de 1951).
- CHELMIS, C.; PRASANNA, V. K. (2011) Social networking analysis: A state of the art and the effect of semantics. In: *IEEE Third Int'l Conference on Privacy, Security, Risk and Trust and 2011 IEEE Third Int'l Conference on Social Computing*, Boston, out. 2011.
- CHERRY, E. (2006) Veganism as a cultural movement: A relational approach. *Social Movement Studies*, v. 5, n. 2, p. 155-170.
- CHOUTEAU, A.; DISENHAUS, C.; BRUNSCHWIG, G. (2020). Can high school teach future citizens about animal farming? *Inra Productions Animales*, v. 33, n. 3, p. 141-152.
- ENGELS, F. (1979) *A dialética da Natureza*. 3 ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 238p. (Original de 1883).
- FERNANDES, B. M. (2012) Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. *Revista Nera*, n. 6, p. 24-34.
- GARNETT, E. E.; BALMFORD, A.; MARTEAU, T. M.; PILLING, M. A.; SANDBROOK, C. (2021) Price of change: Does a small alteration to the price of meat and vegetarian options affect their sales? *Journal of Environmental Psychology*, v. 75, p. 101589.
- IBOPE INTELIGÊNCIA. (2018) *Pesquisa de opinião pública sobre vegetarianismo*. Brasil, 28 p. Disponível em: https://www.svb.org.br/images/Documentos/JOB_0416_VEGETARIANISMO.pdf. Acesso em: 15 out. 2021.
- LEAL, P. C. (2014) Sobre bestas e mapas. Notas introdutórias sobre a virada animal na Geografia Humana contemporânea. *GEOgraphia*, v. 16, n. 31, p. 51-75.
- LESSA, P.; GALINDO, D. (orgs.). (2017) *Relações multiespécies em rede: feminismos, animalismos e veganismo*. Maringá: EDUEM, 305 p.
- LINDGREN, N. (2020) The political dimension of consuming animal products in education: An analysis of upper-secondary student responses when school lunch turns green and vegan. *Environmental Education Research*, v. 26, n. 5, p. 684-700.
- MAGALHÃES, M. P.; OLIVEIRA, J. C. (2019). Veganismo: aspectos históricos. *Revista Scientiarum Historia*, v. 2, p. e068.
- MCGREGOR, A.; HOUSTON, D. (2017) Cattle in the Anthropocene: Four propositions. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 43, n. 1, p. 3-16.
- MEIER, T.; CHRISTEN, O.; SEMLER, E.; JAHREIS, G.; VOGET-KLESCHIN, L.; SCHRODE, A.; ARTMANN, M. (2014). Balancing virtual land imports by a shift in the diet. Using a land balance approach to assess the sustainability of food consumption. Germany as an example. *Appetite*, v. 74, p. 20-34.
- MOREIRA, R. (1985) *O que é Geografia*. (Col. Primeiros Passos) São Paulo: Brasiliense.
- MORIN, E. (1973). *O paradigma perdido: a natureza humana*. Europa-América, 244 p.
- MOUAT, M. J.; PRINCE, R.; ROCHE, M. M. (2018) Making value out of ethics: The emerging economic geography of lab-grown meat and other animal-free food products. *Economic Geography*, v. 95, n. 2, p. 136-158.
- OKUBO, Y. (1997) *Bibliometric indicators and analysis of research systems: methods and examples*. Paris: OECD. 70 p.

- OLIVEIRA, A. M. S. (2002) Relação homem/natureza no modo de produção capitalista. PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho, v. 3, p. 1-9.
- OLIVER, C. (2021) Vegan world-making in meat-centric society: the embodied geographies of veganism. *Social & Cultural Geography*, p. 1-20.
- PARIS, J. M. G.; FALKENBERG, T.; NÖTHLINGS, U.; HEINZEL, C.; BORGEMEISTER, C; ESCOBAR, N. (2022). Changing dietary patterns is necessary to improve the sustainability of Western diets from a One Health perspective. *Science of The Total Environment*, n. 811, p. 151437.
- PENDERGRAST, N. (2016) Environmental concerns and the mainstreaming of veganism. *Impact of Meat Consumption on Health and Environmental Sustainability*, p. 106-122.
- PEREIRA, L. R. (2019) *Uma análise do movimento vegano em Portugal: a importância da crise ambiental nas estratégias e ações do movimento* [Em linha]. Dissertação de mestrado. Lisboa: ISCTE-IUL.
- PORTO-GONÇALVES, C. W. (2011). Os (des)caminhos do meio ambiente. v. 1. 15. ed. São Paulo: Contexto, 147 p.
- RECLUS, E. (2010). *A anarquia e os animais*. Piracicaba: Ateneu Diego Giménez COB-AIT. (Original de 1897).
- RECLUS, E. (2010) Do sentimento da natureza nas sociedades modernas. Tradução Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário, Expressão & Arte. (Original de 1866).
- SANTOS, M. (1996) *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec. 392 p.
- SEXTON, A. E.; GARNETT, T.; LORIMER, J. (2022) Vegan food geographies and the rise of Big Veganism. *Progress in Human Geography*, p. 030913252110510.
- SORRE, M. (2003) A geografia humana (Introdução). *GEOgraphia*, v. 5, n. 10, p. 137-143. (Original de 1967).
- SORRE, M. (2021) A geografia da alimentação. *Confins*, n. 51. (Original de 1943).
- THE PROJECT THEMES. (2021) Disponível em: <<https://www.leap.ox.ac.uk/projectssummary>>. Acesso em: 20 abr. 2022.
- THE VEGAN SOCIETY. (2019) Definition of veganism. Disponível em: <https://www.vegansociety.com/go-vegan/definition-veganism>. Acesso em: 05 nov. 2021.
- VIANNA, U.; T. W. (2020) Veganismo como projeto social: panorama e estreitamentos com a Agroecologia e a segurança alimentar, *Cadernos de Agroecologia*, Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão - SE, v. 15, n 2.
- VALENÇA, F. M. L.; CARBONAI, D. (2014) Novos atores em movimento: o veganismo como prática política. In: XXIII Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Pelotas.
- VILELA, D. B. L. (2017) Consumo político e ativismo vegano: dilemas da politização do consumo na vida cotidiana. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, 353-377.
- WILSON, M. S.; WEATHERALL, A.; BUTLER, C. (2004) A rhetorical approach to discussions about health and vegetarianism. *Journal of Health Psychology*, v. 9, n. 4, p. 567–581.
- WRENN, C. L. (2019) The Vegan Society and social movement professionalization, 1944-2017. *Food and Foodways*, v. 27, n. 3, p. 190-210.